

A ESCOLA NO SÉCULO XXI: QUAIS DESAFIOS DEVEM ENFRENTAR SEUS GESTORES?

Eliana Fatobene Martins¹
Luzia Marta Bellini²

Resumo

O objeto de estudo apresentado neste artigo foi o pensar a ação pedagógica dos gestores da educação pública escolar em um século que está extremamente mudado pelas revoluções tecnológicas, entre estas, a computação. Os objetivos foram: a) pensar o aluno em uma escola que ainda funciona com métodos do início do século XX em um período em que a informática e os conhecimentos estão mais expostos e abertos aos aprendizes; b) propor formas de refazer a situação de ensino a partir de estudos organizados pelos gestores no interior das escolas. Como resultado, apresenta-se uma reflexão baseada em estudos antropológicos que evidenciam a necessidade urgente de mudar a sala de aula e seu contexto institucional.

Palavras-chave: Escola do século XXI. Desafios pedagógicos. Gestores da escola pública. Metodologias de ensino.

Abstract

The study's subject of this article was thinking about the pedagogical action of the public education's managers in a century that is changed by technological revolutions, for example the computer's revolution. The goals were: a) think about the student inside a school that still working with the norms from the XX century, even with the computation and the knowledges more exposed and opened to the students; b) propose forms to remaking the education's situation from studies organized by the managers, inside the schools. As result, we show a reflection based on anthropological studies that show an urgent necessity to change the classroom and its institutional context.

Key-words: XXI Century school. Challenge. Public school managers. Education methodology.

1. Introdução

O objeto de estudo deste artigo foi elaborado por meio da leitura de Reboul (1970), Gusdorf (1970), Lopes (2006) e Silva (1995) e, em uma pesquisa empírica com alunos de 8ª séries e as três séries do Ensino Médio do Colégio Estadual José Luiz Gori – Ensino Fundamental e Médio, de Mandaguari, Paraná. O problema de pesquisa emergiu do tema “*Os desafios educacionais contemporâneos*”, e teve como questão básica o desafio do ensino-aprendizagem no ambiente pouco transformado da escola. Em outras palavras, centrou-se em pensar porque em um mundo com novas e

¹ Professora Pedagoga PDE 2007 – Universidade Estadual de Maringá – UEM

² Professora Orientadora do PDE – Co-autora deste artigo – Universidade Estadual de Maringá – UEM

inúmeras tecnologias, as salas de aulas mantêm as mesmas características das salas do início do século XX. Ou seja, o ensino ainda é ministrado, na maioria das vezes, sem os recursos já existentes na sociedade contemporânea, levando professores e alunos a um embate de interesses que resulta em situações de apatia, desconforto e desinteresse dos educandos. A hipótese levantada é que os alunos indicam com a apatia uma cobrança à escola em termos de avanços e inovações tanto nos conteúdos como na metodologia e nos recursos utilizados para a efetivação das aprendizagens.

Com essas questões, atendendo ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), objetivou-se iniciar um processo de discussão com a equipe gestora e com os alunos do ensino médio do colégio Estadual José Luiz Gori com o desígnio de:

- a) traçar novas metas para ação pedagógica;
- b) conduzir o coletivo dos profissionais da educação básica a pensar e a agir com autonomia suas atividades;
- c) debater o projeto político pedagógico de forma participativa, utilizando-o como um instrumento de trabalho que esteja, de fato, concatenado à teoria e à prática;
- d) promover a reflexão pedagógica coletiva como cerne do trabalho pedagógico da escola;
- e) discutir a que se propõe a escola do século XXI, com critérios científicos e críticos.

Com a premissa de que somente pelo processo de análise, reflexão e debate, a escola, no início deste século poderá redefinir sua identidade, teve-se o propósito de elucidar as dimensões pedagógicas que necessitam ser assumidas no coletivo da escola contemporânea. Desta forma, foi proposta a realização desta investigação enfocando a função e a identidade da escola contemporânea por meio de estudos sobre os percursos históricos da escola pública brasileira, discutindo sobre para que serve a escola do século XXI e apontando a reflexão coletiva como necessária ao trabalho pedagógico.

Entendeu-se que abordar a educação contemporânea exige um olhar voltado ao passado para perceber seu percurso, ao presente para garantir ricos momentos de interação e aprendizagens coletivas e, no futuro, compreender quais contribuições serão legadas aos estudantes que ora passam pela escola.

Nesse sentido, a proposta de trabalho no Colégio Estadual José Luiz Gori – Ensino Fundamental e Médio, de Mandaguari, Paraná concretizou-se no processo de intervenção pedagógica.

2. Alunos: alienígenas na sala de aula?

Para esta seção, inspirou-se na pesquisa de dois educadores australianos, Bill Green e Chris Bigum, realizada em 1993, com alunos e professores em um cenário de conflitos na instituição escolar. O principal problema na educação australiana, de acordo com Green e Bigum (1995), é a taxa de retenção de alunos do ensino médio além do desconhecimento dos desejos dos alunos das novas gerações. Para os pesquisadores, os conflitos com os estudantes não podem ser explicados pelo *slogan* “questões da juventude” ou “jovens de cultura midiática”. O fato real é que há uma nova sociedade tecnológica e uma mudança do perfil identitário do jovem escolar. A pergunta dos autores é: Se a juventude vive em uma sociedade transformada, por que devemos esperar que eles aceitem viver em escolas cujo modelo ainda é do início do século XX?

Green e Bigum(1995) questionam se esse conflito nas escolas não ocorre porque se está lidando com uma geração nova em uma roupagem velha, isto é, com currículos, metodologias e autoridades educacionais inadequados e obsoletos à época contemporânea?

Enfatizam ainda suas preocupações e interesse em desenvolver uma melhor compreensão do fenômeno juventude que é cada vez mais visível nos debates atuais: a emergência de um novo tipo de estudante, com novas necessidades e novas capacidades, pois, pais e mães também têm expressado preocupação com esses “alienígenas”, bem como a esfera pública convencional e a opinião pública. De forma mais geral, dizem os autores, existe o discurso do problema de retenção ou de apatia que é visto como desvio da juventude contemporânea aumentando em muitos países uma onda crescente de pânico moral.

Green e Bigun (1995) refutam a idéia de que o jovem tenha alguma deficiência, incompletude e inadequação. Este é um discurso oficial, apocalíptico que vê a juventude como patologia temporária em direção à normalidade que será superada na

fase adulta. Destacam que essa passagem ordeira tornou-se agora carregada de uma incerteza arbitrária e, dessa forma, cada vez mais alienados, os jovens são também cada vez mais *alienígenas*, ou seja, são *vistos* como diferentemente motivados, desenhados e construídos.

Em um sentido mais amplo, a cultura da mídia é apontada como responsável por produzir novas formas de vida. Hayles (1990 *apud* Green; Bigun, 1995) sugere que se sinta certa ambivalência em relação às transformações sociais e culturais porque elas obrigam o confronto com a diversidade cultural e com a idéia de que escolarizar para o futuro significa necessariamente ensinar para e com a diferença. Mostra que os jovens são criaturas surgidas debaixo da terra como novos sujeitos, emergindo, assim, de novas formas de vida.

Com relação ao crescente discurso do pânico moral em torno da escola, dos jovens e da mídia popular, os autores sugerem que se faça uso das novas tecnologias da informação e da comunicação que são recursos para a própria auto-produção.

A complexa relação entre humanos, máquinas e *alienígenas*, em uma era em que a tecnologização da natureza e a naturalização da tecnologia apagaram antigas e confortadoras fronteiras, novos modos de pensar aparecem. Nessa perspectiva, os jovens têm uma íntima relação com suas tecnologias e se transformam em *cyborg* ou alienígena. Desse modo, novos quadros discursivos são necessários para se começar a lidar com as complexas interações que localizam a educação no contexto de uma ecologia digital (GREEN; BIGUM, 1995).

As novas tecnologias dão nova reconfiguração espacial à sociedade; indicam que as escolas e outras instituições sociais, tais como bibliotecas públicas, deverão ser, no mínimo, significativamente reconstruídas para dar uma dimensão de cenário mais radical. Se os próprios indivíduos são cada vez mais tratados como consumidores de produtos "high tech", as escolas tenderão a participar cada vez menos da ecologia digital externa, tornando-se, afinal, realmente extintas, preceituam os autores (GREEN; BIGUM, 1995).

Para Green e Bigum (1995), os adultos têm dificuldade em aceitar as irônicas afirmações sobre as hibridações entre humanos e máquina e em visualizar o próprio envolvimento em circuitos eletrônicos e transformação do eu. Ainda assim, já identifica-

se uma proporção significativa de pessoas portadoras de tecnologias como marcapassos eletrônicos, membros e órgãos protéticos.

Para a maioria dos adultos a ecologia digital na qual agora encontram-se, desenvolveu-se ao redor de todos e a esta adaptaram-se; alguns mais prontamente que outros. Mas em contraponto, os jovens nasceram nela e fazem desta, seu ambiente natural. Para esses jovens, a alta densidade dos vetores de comunicação é inteira e inequivocamente natural, algo ao qual eles aprendem a se adaptar, algo que aprendem a usar e a explicar, exatamente da mesma forma como gerações passadas aprenderam a adaptar-se à ecologia eletrônica na qual foram desenvolvidas. Desta maneira, é equivocada a idéia de que os jovens atuais sejam *cyborgs* simplesmente vistos como mais uma nova geração, de uma forma em nada diferente das novas gerações do passado (GREEN; BIGUM, 1995).

Os estudos de Green e Bigum (1995) mostram uma nova espécie de habitante nas escolas: o jovem de uma sociedade altamente tecnológica. E este é um grande desafio da educação contemporânea porque não se pode continuar a fazer o que sempre foi feito, isto é dar aulas meramente expositivas. Agora, o uso de recursos tecnológicos não pode ser ignorado. Nessa perspectiva, aquilo que é menos visível – isto é, a natureza específica da tecnologia que envolve o novo jovem *cyborg*, sua velocidade e características geracionais, devem ser vistas como um fato que levará a mudanças no ensino (GREEN; BIGUM, 1995).

Trazendo a dimensão tecnológica os autores convidam os educadores a algumas indagações. As condições tecno-culturais - transformadas e cambiantes – sugerindo uma reavaliação da compreensão da subjetividade e da ordem simbólica postas a estes que adentram os espaços escolares. Green e Bigum (1995) perguntam: Que implicações essa discussão da cultura da mídia, da tecnologia e da subjetividade tem para a escolarização e, de forma mais geral, para a educação pós-moderna?

Descrevem os autores:

Uma coisa que parece clara é que a própria ambivalência daquilo que chamamos aqui de “alienígenas”- compreendidos como novas formas de vida – representam um desafio radical. Não podemos ignorar nem a profunda alienação que muitos/as jovens experimentam hoje,

confrontando um futuro que muito frequentemente parece já esgotado mesmo antes de ter chegado, marcado sempre por uma incerteza fundamental – seu sentimento de serem, cada vez mais, estranhos numa terra estranha, nem a probabilidade de que eles/as estejam se tornando distintiva e genericamente diferentes, em termos de suas capacidades, suas estruturas de identidade, e seus valores. Discutir adequadamente essa diferença e responder àquilo que pode ser perfeitamente descrito como uma estrutura pós moderna de sentimento exige que aqueles/as de nós que carregamos a responsabilidade de escolarizar o futuro não apenas desenvolvamos novas compreensões e novos recursos, mas também um sentimento apropriado de humildade, juntamente com o reconhecimento da inevitabilidade da diferença (GREEN; BIGUM, 1995, p.238).

Como se vê, Green e Bigum (1995) afirmam que as escolas podem se tornar lugares singulares, como mundos próprios nos quais *cyborgs* geracionalmente diferentes se deparam e trocam narrativas sobre suas viagens na tecno-realidade – desde que se permita reimaginá-los e reconstruí-los de uma forma inteiramente nova.

3. Professores e alunos: na realidade brasileira também existem alienígenas?

Como na Austrália também no Brasil há um discurso oficial indicando que os jovens são apáticos, distantes ou negligenciam a vida escolar. Para a maioria dos educadores, momentos difíceis são vivenciados na história da educação brasileira. Os insucessos estão sendo apontados com muita veemência pela mídia. Artigos de revistas, resultados de avaliações, vestibulares, os discursos de educadores, pais, alunos e de outros segmentos da sociedade também apontam a escola contemporânea como um fracasso. Ou seja, há um consenso de que existe um fracasso na instituição escolar.

O índice de desenvolvimento da educação básica divulgado pelos órgãos federais da educação reforça com dados estatísticos aquilo que não se desconhece na realidade educacional do país. A média geral das escolas brasileiras fica muito abaixo de um índice considerado satisfatório, cabendo algumas reflexões: Quem se responsabiliza

pelo fracasso? Que ações podem os educadores viabilizar? Quais tarefas têm os gestores diante do quadro “caótico” da educação? Qual o real perfil do educando atual? Em relação aos professores a escola também vivencia um ambiente desagradável e hostil. Há muitos professores estressados, sobrecarregados de tarefas burocráticas e intermináveis horas de trabalho com atividades pedagógicas em salas de aula obsoletas.

Todos os segmentos sociais têm exigido a aprendizagem de conteúdos para a vida do trabalho em uma sociedade cada vez mais complexa em termos tecnológicos. Mas, a escola contemporânea tem sido capaz de ligar a complexidade social aos conhecimentos que apresentam aos alunos? Quais parâmetros curriculares oficiais fundamentaram a escola nas últimas décadas? Que suporte teórico tiveram as escolas públicas? ***Que tempo tiveram (ou têm) os educadores para discutir seus problemas pedagógicos durante sua carga horária de trabalho?*** Seus alunos estão na instituição escolar em busca de conhecimentos/conteúdos? Quais interferências o atual momento do capitalismo tem apresentado no dia-a-dia escolar? Os alunos, oriundos de famílias também desestruturadas não encontram uma escola velha, sem alicerces (laboratório, boas bibliotecas informatizadas, salas de aula sem espaço para a criatividade)? A escola pública não é obrigada a ocupar mais espaço/tempo para “sanar” problemas sociais de seus alunos do que em dimensões pedagógicas e de renovação de conhecimento? Por que não mais se ensina? Por que não mais aprendem os alunos?

Sabe-se que a escola, em meio a tantos compromissos que lhe foram impostos, perdeu sua identidade, seu foco. A organização escolar não permite atingir o seu objetivo premente: o de ensinar. Então, cabe perguntar: Para o século XXI, qual o objetivo da escola? Qual o seu papel?

Esta é uma questão crucial. Será mantida uma escola alienada das transformações culturais, sociais e tecnológicas em pleno século XXI? O que é preciso fazer?

Atribuir o problema ora aos professores, ora aos alunos não permite conclusões efetivas. O certo é que os profissionais da escola devem ter clareza dos objetivos e da função da escola pública. A primeira pergunta que professores devem fazer é: que tipo de país querem e como devem educar as gerações mais jovens para tê-lo melhor? Sem

uma direção cultural e social clara, professores realizam suas atividades sem propósito, contribuindo também, desse modo, para a não excelência da escola.

Como educar numa sociedade corrompida eticamente, desumana, injusta e excludente? Que valores permeiam a sociedade? Que moral a sociedade tem para oferecer aos novos aprendizes, sejam eles crianças, jovens ou adultos? A escola está com problemas? Numa sociedade em que tudo está em crise, poderia a escola estar bem?

À sociedade cabe perceber-se co-responsável pelos índices de insucesso da escola. Aos professores e aos gestores da educação pública cabe buscar saídas para a mudança do cenário atual. Pensar na função e na identidade da escola remete profissionais da área à pergunta: “para que serve a escola?” Para Soares (2006, p.39)

A escola serviu, serve e certamente virá a servir para domesticar ou para libertar, para reproduzir ou para revolucionar, para formar indivíduos ajustados ou indivíduos críticos, para adaptar ao presente ou para preparar para o futuro. A opção entre essas e muitas outras alternativas depende de quando e de onde se fala. (...) a escola serve às ideologias e às utopias do tempo e do espaço em que esteja inserida.

Então, a quem compete pensar a escola? Esse é um desafio pertinente aos educadores. Não cabe pensar em culpa pela reprovação da escola, mas em responsabilidades na educação daqueles que são vistos como alienígenas. Assim, com convicção de que as mudanças são bem vindas, os gestores educacionais (equipe de direção, equipe pedagógica e equipe docente) podem e devem iniciar o processo de modificação desta realidade junto à comunidade escolar.

Acredita-se que criar uma cultura escolar comprometida com a ética, com o diálogo profissional e com a constante reflexão sobre a prática deve fazer parte da organização do cotidiano pedagógico para a garantia de transformações necessárias.

4. A pesquisa realizada por meio do PDE

Para desenvolvimento deste trabalho realizou-se uma intervenção pedagógica com professores e alunos no Colégio Estadual José Luiz Gori – Ensino Fundamental e Médio.

As atividades pedagógicas foram iniciadas apresentando aos professores a temática sobre “Os desafios educacionais no século XXI”, na primeira semana do ano letivo de 2008, afirmando a necessidade de criar espaços/tempo no interior da escola para momentos de leituras, filmes, discussões e debates contemporâneos.

Em uma segunda etapa, no primeiro semestre de 2008, proporcionou-se aos alunos do ensino médio, momentos para discussões e debates com exposições informativas por meio de palestras, uso de vídeos e slides para reflexões científicas, éticas e pedagógicas. O tema gerador apresentado aos alunos foi “A instituição escolar no século XXI: para que serve a escola?”.

Utilizou-se o vídeo “O poder da visão”, que explora as dimensões do homem no século atual, a presença ética na cotidianidade e os avanços tecnológicos.

Em uma terceira etapa aproveitou-se a reunião de capacitação dos professores, funcionários e direção, ocorrida em julho de 2008, para reflexão e coleta de dados da escola. As reflexões realizadas contribuíram significativamente para o encaminhamento deste trabalho tendo em vista o tema para estudos, propostos pela SEED: *O currículo e o projeto político pedagógico frente aos desafios educacionais contemporâneos*.

Numa quarta etapa aplicou-se um questionário aberto aos alunos das 8^{as} séries e das três séries do ensino médio com o objetivo de conhecer suas idéias e conceitos sobre a escola. O seguinte roteiro com perguntas para levantamento de dados foi utilizado:

**COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ LUIZ GORI – ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO**

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL DO
PARANÁ – PDE

PROJETO DE IMPLEMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA

COLETA DE DADOS COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
E MÉDIO

Série: _____

1. Freqüento a escola porque...

2. Onde aprendo mais?

() Na escola

() Fora da escola

3. A escola serve para...

4. Se eu pudesse dar uma nota à escola, ela seria...

5. Os alunos da escola no século XXI são...

6. O que você aprende na escola, serve para seu dia-a-dia?

Justifique:

7. Quem deve pensar a escola são os....

8. Como você organizaria a escola se estivesse na direção dela?

Junto às quatro etapas foi elaborado e exibido um mural aos docentes com as principais idéias expostas e discutidas com os alunos no decorrer dos encontros, abordando o tema *A INSTITUIÇÃO ESCOLAR NO SÉCULO XXI* Para que serve a escola?

Após a exposição do mural, entregou-se um texto elaborado com um roteiro de estudo, solicitando leitura e apontamentos. Este texto foi o resultado da produção didático-pedagógica, organizado com a finalidade de intervir na prática pedagógica no decorrer do Programa de Desenvolvimento Educacional.

É importante dizer que, nesse processo, as equipes pedagógica e administrativa participaram das discussões e da leitura da coleta de dados realizada com os alunos.

Os dados coletados foram apresentados à equipe de direção, que após leitura e análise, organizou encontros com os alunos, por turma, para informações e esclarecimentos.

Esta etapa foi de grande valia tendo em vista que a partir das reflexões propostas e iniciadas foi possível intervir junto aos alunos para que estes pudessem, além de ampliarem seus conhecimentos sobre o funcionamento e autonomia da escola, se percebessem co-responsáveis pela instituição que freqüentam.

5. As crenças dos alunos

Foram entrevistados cerca de 100 alunos da 8ª série e 150 das três séries do Ensino Médio. Suas respostas foram muito intrigantes. Quanto às respostas da questão um, disseram: frequentam a escola porque querem ter um futuro, ou seja, trabalho. Acreditam na importância da instituição escolar atual e discursam sobre a necessidade da escola em suas vidas. Todavia, na prática, não demonstram empenho na aprendizagem para se apropriarem de fato dos conteúdos trabalhados pela escola e descrevem isso com muita veemência na resposta da questão cinco do questionário aplicado.

Percebeu-se que existe no interior da escola um discurso pronto e convincente sobre a importância da escolarização, mas este não atinge a prática dos educandos. Isto impõe a necessidade de espaço para reflexões e contribuições práticas, o que justifica a

importância de oportunizar no ambiente escolar este espaço/tempo para discussões e debates com alunos, pais e professores.

Para a pergunta de número dois a maioria dos alunos indica a escola como a maior responsável por suas aprendizagens, retratando a concepção de que a aprendizagem ocorre com maior intensidade no ambiente escolar. Esta constatação remete professores a pensar sobre o grande desafio que está posto a cada responsável pela educação escolar e a valorizar cada fração de tempo que dedica à tarefa de ensinar.

Para a questão três, também afirmam que a escola serve para ensinar, mas grande parte dos alunos a valoriza por ser um lugar onde se faz amizades e relacionamentos.

Ao se questionar qual nota poderiam atribuir à escola pública atual foram obtidas respostas bastante variadas, mas a média sete, preponderou. Esse valor relacionado numa escala de zero a dez, conforme o atual sistema de avaliação escolar, pode traduzir a dimensão da nota mencionada pelos alunos.

Na questão cinco foi solicitado o perfil do aluno atual e as respostas foram bastante homogêneas, delineando um aluno bem informado, mas sem princípios éticos, mal educados, desinteressados, indisciplinados e que freqüentam o ambiente escolar sem responsabilidade com a aprendizagem.

Ao serem questionados sobre a afinidade do conteúdo da escola com o contexto social onde estão inseridos, justificam que existe relação, principalmente, pelos valores trabalhados na escola.

Na questão sete, apontam os governantes, os pais, diretores, alunos e demais envolvidos na comunidade escolar como responsáveis por pensar a situação da escola contemporânea. Há, portanto, um consenso de que todos são responsáveis pela instituição escolar.

Na última questão foi pedido aos alunos para relatarem como organizariam a escola se estivessem na direção dela. As respostas para essa pergunta também foram surpreendentes, pois eles atribuem ao diretor da escola um poder e autonomia na resolução dos entraves/desafios do cotidiano que ultrapassa todas as possibilidades previstas pela legislação atual.

Muitas sugestões foram dadas pelos alunos à direção do colégio, que muito prontamente organizou encontros informativos para esclarecimentos e discussão das dúvidas apresentadas.

6. Os depoimentos dos professores

Houve contribuição de parte do grupo dos professores que apresentou disponibilidade e interesse pela leitura e discussão do texto proposto.

Alguns depoimentos revelaram que o professor demonstra interesse e preocupação pelos problemas educacionais contemporâneos, mas se encontra enfraquecido diante dos entraves por não ter condições de tempo junto aos seus pares para discutir, estudar e propor inovações.

Questionam muito sobre a falta de autonomia da escola e do professor na árdua tarefa de suas funções.

Criticam o ambiente escolar pela falta de uma concepção unificada de escola pública e de qualidade de ensino que resulte em ações docentes significativas para o coletivo dos alunos.

Os professores apresentam-se insatisfeitos com o descaso com que a educação é tratada no país, não só por governantes mas também pela sociedade como um todo.

7. Conclusão

Pode-se afirmar que os desafios na escola para o século XXI são vários. Os mais tranquilos referem-se à democratização das informações básicas da função e estrutura da escola. Vê-se que os alunos do Colégio Estadual José Luiz Gori – Ensino Fundamental e Médio, ainda não conhecem a sua própria instituição, mesmo após alguns anos de escolarização. Outros desafios tratam da adequação da escola à modernidade, ou melhor dizendo, à contemporaneidade.

É urgente à escola melhores bibliotecas, com livros científicos atuais, com vídeos e mesmo museus modernos. Também é imprescindível que a tecnologia seja acessível aos alunos e professores, todos os dias. Porém, o maior desafio é o SABER ENSINAR.

É necessário ao professor conhecer uma teoria da inteligência para que possa ver o aluno não como um alienígena que não quer saber de nada, mas como uma geração que mesmo sem estrutura familiar, sem capital simbólico, mudou. E mudou sincronicamente em uma sociedade que também mudou.

Os alunos entrevistados gostam de freqüentar a escola e acreditam em seus professores. Por isso mesmo, os professores precisam de mais fundamentação teórica (talvez abandonando os livros didáticos em prol de uma biblioteca virtual e avançada).

Os alunos entrevistados cobram uma conduta ética dos professores como: não faltar às aulas, querem professores atualizados (para além do discurso único do livro didático), querem uma tomada de conduta política da direção em relação aos professores que não cumprem a carga horária, enfim, querem uma escola que funcione e ensine.

Diante dessas dimensões pode-se concluir que:

- a) os professores não se sentem em condições de estudo para além da sala de aula. Alegaram a extenuante carga horária e atribuições administrativas como obstáculos aos estudos;
- b) os alunos se ressentem desta atitude dos professores. Querem inovações metodológicas para as aulas. Não aceitam mais o modelo usado pelos seus professores, ou seja, não aceitam apenas a aula expositiva feita ao redor do livro didático;
- c) por outro lado, a escola parece girar mais em torno da problemática social dos alunos do que de sua função pedagógica. Isto retira da escola sua original função: ensinar. Os alunos têm essa percepção e apontam isso como fato negativo na escola que freqüentam.

O que fazer?

- a) exigir modernização da escola para os alunos, possibilitando aos professores a realização de seu trabalho com maiores recursos e inovações;
- b) reunir-se com alunos e professores, freqüentemente, para discutir os problemas da escola e da sala de aula;
- c) criar uma cultura de estudo entre os professores das diferentes áreas de ensino com a finalidade de discutir cientificamente os problemas educacionais;

- d) estabelecer um ambiente eticamente voltado para o ensino e para a aprendizagem, onde todos os participantes da escola possam respeitar-se mutuamente criando assim um ambiente favorável à aprendizagem de conteúdos e valores;
- e) urgem ações voltadas para a melhoria da educação básica como o programa PDE /SEED/PR que oportunizou esse momento de estudo e reflexão da prática, quebrando assim com uma história de não compromisso político de muitos governantes que estiveram na condição de contribuir para a melhoria da educação paranaense e que pouco fizeram nesse sentido. Esta iniciativa do governo do Paraná apontou a necessidade de o professor estudar e aprimorar os seus conhecimentos, estabelecer contato com a Universidade e principalmente permitiu ao professor TEMPO para estudo e reflexões sobre como ensinar... A ampliação desse tipo de valorização profissional precisa ganhar espaços na educação pública se de fato quiser melhorar as condições educacionais da atualidade.

Referências bibliográficas

BELLINI, Luzia Marta (org.). Metodologia do Trabalho Científico. In: **Formação de Professores EAD**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2005, n.33.

EDNIR, Madza. Alimentar a alma da escola. In: **Pátio Revista Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAMBINI, Roberto. **O Espelho Índio**. Rio de Janeiro: Editora Espaço & Tempo, 1988.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. **Alienígenas na sala de aula**. In: SILVA, Tomás Tadeu da. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Petrópolis RJ: Vozes, 1995.

GUSDORF, GEORGES. **Professores, para quê? Para uma pedagogia da pedagogia.** Lisboa: Moraes Editores, 1970.

LIMA, Lauro de Oliveira. **De Pombal a Passarinho.** Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1985.

LOPES, Alice Casimiro. **Políticas de currículo em múltiplos contextos.** São Paulo: Editora Cortez, 2006.

MONROE, Paul. **História da Educação.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães (org.). **Estado e Políticas Sociais no Brasil.** Cascavel: Edunioeste, 2001.

OLIVEIRA, Cida (org.). A Escola Reprovada. In **Pátio Revista Pedagógica.** Porto Alegre: Artmed Editora S.A. Fevereiro/abril, 2006.

REBOUL, Olivier. **A Filosofia da Educação.** Lisboa: Portugal: Edições 70.